

PEDAÇOS DE MENINO/GATO

Sidinei Eduardo Batista (UEL)¹

A chuva caíra a noite toda. Não cessara pela manhã. Muquifo comprido dividido em dois. Dois eram os cômodos da casa nossa casa. A mãe limpava o chão, sempre nervosa. Forte. Tomava-me e entregava-me coisas com brutalidade. Eu a espreitava assustado. Ela não estava magra como era.

Num canto do cômodo-sala-cozinha-banheiro-meu quarto, os dois pedaços de céu azul da minha avó, a mãe da minha mãe, lambia as patas pequenas. Lambia-se tranquilo. Estava aliviado. Era seguro, apesar de úmido aquele lugar não molhava. Lavava caprichoso o pelo branco como algodão. Esticava a perninha e caprichava na limpeza.

“_ Desgraça! Excomungado do inferno! Peste!” “_ O que eu fizera?”, perguntei-me. A menininha e o terceiro dormiam acompanhados pelo homem careca e barrigudo, no quarto que tinha uma cama de casal, uma cama de solteiro e um guarda-roupa. Aquele quarto não tinha chão. Era um amontoado de coisas e gente. Só não me cabia.

O frio de sempre me tomou. Eu era gelo. O rodo, que raspava crateras que já fora uma calçada de vermelhão, eleva-se e atinge o branco e descuidado gatinho. Gato porco que “cagara” na perna de calça jeans aberta ao meio e estendida em frente ao velho fogão esmaltado em branco.

O bicho tremeu e revirou os pedaços de céu azul da minha avó. Uma membrana branca nublou aquele páramo, que não reclamava das pauladas que tomava. Esticava-se - por princípios - apenas. Não fazia barulho. O algodão tingia-se de vermelho da pimenta que ainda me ardia. O gato cagou ainda mais. Bosta e sangue de gato. Eu era frio. Meus beijos de cascudo estavam adormecidos. Eu não respirava. “_ Essa peste vai cagar no inferno agora. Bicho do capeta!”

Jogou com raiva o algodão encarnado contra a poça de lama na porta casa. Lágrimas quentes e ardidas de pimenta aqueceram-me o rosto. “_ Cê tá com dó? Num qué perde? É só você come! Come ele!!” Engoli o choro e as palavras que me assombram desde o infinito.

¹ Doutor em Letras (Estudos Literários) - UEL. Professor de Língua Portuguesa Secretaria de Estado da Educação do Paraná. E-mail: sidineieduardobatista@gmail.com.

No saco de marrom que davam nas padarias, juntei o tapete-perna de calça, o pano de chão que eu limpei o sangue e a bosta do gato. Não sentia nojo. Era a dor do gato em mim. Embaixo da chuva, tirei o gato da poça. Acomodei-o no saco. Coloquei jornal para protegê-lo da chuva. Sai descalço. O portão de madeira alto e pesado que escondia o cortiço. A casa branca da frente. A avenida. A escola. Um imenso terreno baldio. Eu com a criatura e seus excrementos levados em segredo sob as águas. Deixei-o ali. Não o enterrei. Não o joguei também. Com respeito. Com dor. Com muito frio. Entreguei minha avó ao pé de uma enorme touceira de capim que era muitas vezes mais alta do que eu.

Voltei para casa sem querer voltar. A chuva fria da rua era mais confortável do que a casa que eu era e me apertava. Que me tirava o ar. Fazia-me sentir frio. Voltei. Muitas vezes não quis voltar. Ainda não volto às vezes.

